

Apresentação

Apresentamos à comunidade acadêmica, com muita alegria e orgulho, mais uma edição do **Caderno de *Squibs*: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação vinculada ao Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (Lab-Form/PPGL/UnB), cujo objetivo é congregiar docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em junho de 2025, trata-se de um número retroativo ao primeiro semestre de 2024 e, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer.

O presente número compõe-se de cinco trabalhos: dois *squibs* convidados e três *squibs*, nessa ordem.

No primeiro *squib* convidado, **“Vai pensandinho aí”: por que usar o gerúndio no diminutivo?**, Roberlei Alves Bertucci aborda a modificação de grau em formas verbais, um aspecto pouco debatido em português, a partir do estudo das construções gerúndio + diminutivo, isto é, construções em que formas verbais flexionadas no gerúndio são combinadas com o morfema de diminutivo. Tomando como base uma checagem informal de dados com falantes curitibanos, o autor discute quatro propriedades aspectuais dessas construções. A primeira é que, nas construções em estudo, o diminutivo pode se associar a várias perífrases de gerúndio e não apenas a perífrases progressivas. A segunda é que, nesses contextos, o diminutivo não interfere na constituição semântico-pragmática da perífrase. A terceira é que, quando se combina com predicados da classe aspectual das atividades, o papel do diminutivo é o de operar uma atenuação no modo como se realiza a atividade denotada pelo gerúndio. A quarta, e última propriedade discutida, é que as construções gerúndio + diminutivo não disparam implicatura convencional, pois a leitura do diminutivo não se volta para o falante (cf. Potts, 2005; Oliveira; Basso, 2014). O autor conclui seu texto, afirmando que outras questões acerca das construções gerúndio + diminutivo precisam ser estudadas, tais como sua estrutura sintática e a contribuição semântico-pragmática mais específica dessas construções.

No segundo *squib* convidado, **Predicados de gosto pessoal e requisito de experiência: argumentos a favor de uma unificação**, Marina Nishimoto Marques e Renato Miguel Basso também abordam um tópico pouco explorado nas pesquisas sobre o português brasileiro: os predicados de gosto pessoal. Os autores desafiam uma visão tradicional segundo a qual esses predicados são diferentes de outros tipos de predicados (os predicados estéticos, os predicados morais e os predicados epistêmicos) devido ao fato de eles apresentarem um “requisito de experiência” (cf. Pearson, 2013; Bylinina, 2014; Ninan, 2014), isto é, os predicados de gosto pessoal seriam associados a uma inferência de que o falante deve ter tido contato direto com o objeto (ou a entidade ou o referente) que esse predicado caracteriza. Marques e Basso defendem que, no português

brasileiro, esses predicados formam, junto com os predicados estéticos, os predicados morais e os predicados epistêmicos, uma única categoria: os adjetivos subjetivos. Para tanto, eles mostram que esses predicados exibem o mesmo comportamento em quatro contextos sintáticos: a) em posição atributiva; b) encaixados no verbo *achar*, como [AP] na estrutura [*achar* [DP] [AP]]; c) modificados por um PP que introduz um indivíduo que julga a sentença; e d) encaixados em verbos de percepção. A partir disso, os autores concluem que o requisito de experiência, se existir, não tem o papel de distinguir diferentes tipos de predicados de gosto pessoal, o que os leva a tratar tal requisito como não constituindo uma propriedade exclusiva dos predicados de gosto pessoal. Por fim, eles argumentam a favor de uma única classe ampla de predicados de gosto pessoal.

Os três *squibs* que se juntam aos *squibs* convidados e compõem este número são os seguintes.

Em Ordem não canônica no complemento de *considerar*: apenas um caso de troca de DP pesado?, Douglas Alan da Silva estuda o complemento sentencial do verbo *considerar* (com leitura judicativa) em português brasileiro, quando esse complemento aparece em sua forma reduzida, especialmente em seu ordenamento não canônico, ou seja, quando o sintagma que denota propriedade precede o que se refere a alguém/algo julgado como portador dessa propriedade. O objetivo do trabalho é avaliar se o fenômeno denominado “troca do DP pesado” (cf. Heycock, 1995; Arimoto, 2005; Huang, 2011) é (o único) responsável pela ordem não canônica do complemento de *considerar*. Após a análise de dados do português brasileiro, o autor conclui que alguns desses dados são resultado do fenômeno “troca do DP pesado”. No entanto, outros dados resistem a uma análise em termos de peso final. Para esses dados, o autor assume que eles podem ter a mesma composição e a mesma leitura funcional que sentenças copulativas inversas: a) em parte desses dados, há inversão (alçamento do predicado) e neles há foco identificacional, associado fixamente ao DP final; e b) em parte desses há uma formação do complemento iniciada por AP que não se enquadra como resultado de inversão e cujo DP final pode não ser determinado como pesado.

No *squib* Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?, Paloma Petry estuda orações encaixadas como a que aparece entre colchetes em *João disse [que quebrou a janela]*, a qual pode ser, ambigualmente, associada: a) a uma estrutura com ordem V-S e a uma leitura ergativa – intransitiva; ou b) a uma estrutura com sujeito nulo e a uma leitura causativa – transitiva. A autora visa descrever qual das leituras é a preferida pelos falantes do português brasileiro e, para tanto, ela aplica um questionário a falantes do português brasileiro em que sentenças encaixadas são testadas em contextos *out-of-the-blue*. Os resultados mostram que a interpretação causativa é a leitura preferida para essas orações encaixadas ambíguas, corroborando a “restrição de ambiguidade” (cf. Berlinck 1989), segundo a qual “quanto maior a chance do sujeito invertido não ser interpretado como o sujeito gramatical do predicado, menor a chance da ordem VS, e vice-versa” (Menuzzi, 2004, p. 368).

Em A aceitabilidade de sentenças com duplicação vs deslocamento à esquerda de sujeito, Karoline Gasque de Souza aplica um teste a alunos dos anos finais da Educação Básica com o objetivo de avaliar a aceitabilidade por parte desses alunos de frases do português brasileiro que apresentam um sintagma nominal seguido de um pronome correferente em posição de sujeito. Essas frases se organizam em duas estruturas: a) uma na qual há pausa entre o SN deslocado e o pronome (estrutura de deslocamento à

esquerda de sujeito); e b) uma na qual há pausa entre o SN e o pronome (estrutura de duplicação / redobro de sujeito). Essas duas estruturas são inseridas em quatro contextos de referencialidade: a) referente com informação velha; b) referente com informação ativada / ancorada; c) referente com informação nova; e d) em contexto de tudo novo. Os resultados alcançados pela autora foram os seguintes. O referente com informação velha é muito mais aceitável em sentenças com deslocamento à esquerda. Quando o referente traz uma informação ativada, ele é aceitável tanto nas sentenças com deslocamento à esquerda como nas sentenças com duplicação de sujeito. Quando o referente veicula informação nova, a aceitabilidade foi muito favorável para as sentenças com duplicação de sujeito. No contexto com SN indefinido (tudo novo), os índices foram maiores de rejeição do que de aceitação nas duas estruturas. A partir desses resultados, a autora conclui que a aceitabilidade das sentenças tem relação com os contextos de referencialidade analisados.

Concluimos esta apresentação registrando os nossos agradecimentos aos autores dos textos selecionados, aos pareceristas que atuaram nesta edição, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação deste número do **Caderno de Squibs**. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial a Roberlei Alves Bertucci, Marina Nishimoto Marques e Renato Miguel Basso, que pronta e gentilmente aceitaram o nosso convite para abrir este número do **Caderno de Squibs**. A contribuição de todos foi fundamental para a publicação de mais esta edição.

Desejamos que todos apreciem a leitura!

Marcus Vinicius Lunguinho